



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12097 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVI Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd Nordeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT02 - História da Educação

DISCURSOS VOLTADOS PARA A HIGIENE NOS JORNAIS DE GRUPOS ESCOLARES (PERNAMBUCO, DÉCADAS DE 1930-1940)

Adlene Silva Arantes - UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO

Gedalias Ferreira Correia - UPE-PPGFPI - Universidade de Pernambuco

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq/PIBIC

DISCURSOS VOLTADOS PARA A HIGIENE NOS JORNAIS DE GRUPOS ESCOLARES (PERNAMBUCO, DÉCADAS DE 1930-1940)

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto de uma pesquisa em andamento cujo objetivo principal é compreender o lugar da higiene nos jornais dos grupos escolares, principais veículos de propagação da cultura escolar presente nessas escolas no período de 1931 a 1942.

Os estudos na área da história da educação demonstram que a preocupação com a higiene ligada a educação vem desde o império, se intensificando na República, desenvolvendo e surgindo novos hábitos a serem seguidos para que o Brasil fosse uma nação civilizada e sadia visando um projeto mais amplo de modernidade e progresso, Segundo Machado (2005), o século XIX foi denominado de “século da instrução popular”, pois foi reconhecida a importância de se ofertar educação para o povo.

Em 1893 foram criados os grupos escolares em São Paulo, e logo após expandindo-se para outros estados brasileiros, já em Pernambuco foi um pouco mais tarde, só em 1922 a

partir de uma reforma importante para Pernambuco, a Reforma Carneiro Leão. Para Souza (1998, p. 91), “o grupo escolar, pela sua arquitetura, organização e finalidades aliava-se às grandes forças míticas que compunham o imaginário social daquele período, isto é, a crença no progresso, na ciência, e na civilização”. A expansão desse novo modelo de instituição escolar muitos autores afirmam que era uma realidade essencialmente urbana, sendo fixados em sua maioria na área central da cidade em prédios construídos ou modificados, ficando de acordo com as normas higiênicas que eram impostas na época, para assim, embelezar e trazer um ar de moderno as cidades.

No entanto, a medicina viu uma ampla oportunidade nas escolas de se ocupar nos corpos, impondo em partidas, práticas higiênicas obrigatórias que deviam ser cumpridas diariamente, a fim de regenerar a raça e transformá-la, tornando pessoas com novos hábitos saudáveis cuidando sempre das mãos e do corpo, através de exercícios físicos que eram praticados tanto em casa quanto no ambiente escolar para assim, combater os “vícios sociais” as doenças infecciosas, e as consideradas hereditárias. Pois, os projetos de saneamento e de higienização começaram a tomar força, ultrapassando os limites estritos da medicina, através de medidas diretas de intervenção na realidade social. (SCHWARCZ, 2002).

Os grupos escolares foram utilizados como laboratórios para a propagação dos saberes médicos voltados para a regeneração da raça. Portanto, se debruçar sobre os jornais desse tipo de escola pode ajudar na compreensão dos discursos higiênicos que permeiam as práticas educativas nos grupos escolares. (AUTOR 2, 2018).

Utilizamos como fontes os jornais “A Escola” do Grupo Escolar Amaury de Medeiros do ano 1931 de número 1, até o jornal número 8 de 18 outubro de 1938. E o Relatório do Grupo escolar “João Barbalho”. In: Secretaria de Estado dos Negócios da Justiça e Instrução Pública (1924).

Ao longo do nosso texto abordaremos os discursos sobre as práticas higiênicas que deveriam ser implantadas nos grupos escolares, a preocupação com as doenças no ambiente escolar como elementos da cultura escolar daquele período específico.

2. PRÁTICAS HIGIÊNICAS PARA O” DESENVOLVIMENTO DA PÁTRIA”

Os jornais dos grupos escolares de Pernambuco, traziam discursos de alunos, professores, gestores sobre vivências no grupo escolar e práticas higiênicas que deviam ser mantidas. Estamos utilizando o conceito de cultura escolar de Dominique Julia (2001, p.10): “(...) um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos(...)”.

Analisando os jornais dos grupos escolares, observou-se que traziam questões ligadas a saúde corporal e mental de um novo homem que estava sendo formado, sendo isso, temas de grande importância a ser debatido no âmbito escolar tanto pelos professores como pelos médicos higienistas que eram convidados a dar palestras nas escolas para os alunos. E esses jornais também circulavam pelas ruas das cidades, a fim de que essas informações chegassem a mais pessoas.

Para atender as necessidades obrigatórias era necessário haver práticas pedagógicas nas escolas, principalmente aos cuidados com o corpo, em sua maioria havia parques ao redor dos grupos escolares para a prática de exercícios físicos e ginásticas pois havia uma preocupação com o embelezamento da sociedade.

Vale ressaltar que os grupos escolares, principalmente o Amaury de Medeiros e o Maciel Pinheiro eram cercados por verdes e frondosas árvores para assim manter os lugares sempre ventilados.

Os grupos escolares apresentavam as mesmas características, pois como estavam localizados na área central da cidade tinha que se diferenciar dos prédios que estava ao seu redor, pois valorizavam muito a estética monumental do prédio.

Nos jornais destacavam a obrigatoriedade de manter o ambiente e as mãos sempre limpas, pois com as mãos sujas somos portadoras de diversas doenças. No jornal (A Escola, N 7, p 4) relata sobre as necessidades higiênicas que deveriam ter:

Trazer as mãos limpas é uma necessidade higiênica que todos devem cumprir rigorosamente em benefício da saúde, pois, com as mãos sujas são portadoras de infinitudes de doenças , entre elas, a tuberculose e a typho, etc. Lavar as mãos,

constantemente, deve ser uma preocupação das pessoas bem educadas. Todas devem conhecer os males que no corpo trazem os micróbios conduzidos por mãos sujas. O typho , por exemplo ,é uma moléstia considerada na Alemanha, país civilizado pela “doença das mãos sujas”^[1]...(A Escola, 1932, p.4).

Pois como citado acima, quem se cuidava diariamente eram consideradas pessoas bem educadas, sendo isso, todos deviam conhecer os males que podiam surgir através das mãos sujas, tendo as informações necessárias e colocando em prática enriqueceria ainda mais o desenvolvimento do país.

Em relação aos conteúdos escolares observou-se que muitos jornais descreviam como estava o desenvolvimento dos grupos escolares, principalmente o jornal do grupo

escolar Amaury de Medeiros (A Escola, N 4, p 4) que traziam questões como estava o desenvolvimento de afogados que vinham obtendo um sucesso muito grande com a ajuda da Dra. Debora Feijo da D. Noemia Wanderley também com a ajuda de pais e professores que estava sempre de apoio para que isso acontecesse. Nos jornais ficavam explícito que os alunos aprendiam de diversas maneiras com (palestras, movimentos, discussões...) aprendiam também sobre nossa história, nunca deixando de lado nossas raízes.

Estudando o jornal “A escola” do ano 3 n° 2, sexta-feira, 1 de setembro de 1933. Traz que no grupo Amaury de Medeiros Também havia palestras feitas pelo presidente Dr. Débora feijó onde apresentou para os alunos quais os deveres dos bandeirantes, que tem por finalidade despertar nas meninas o espírito de iniciativa de amor ao próximo de fortaleza e ânimo para poder ajudar a todos principalmente os pobres, todos que se interessassem pelo movimento bandeirante pode fazer parte de uma companhia desde que faça sua promessa de seguir as regras de uma bandeirante.

Sendo o principal escopo da educação bandeirante fazer da menina, futuras mães de família, adestradas nas práticas domésticas, não podemos deixar de reconhecê-la como o meio mais seguro de conduzir as almas femininas ao fim para que elas foram criadas. (A ESCOLA, 1936, p.1).

Muitos grupos foram criados e outros foram reformados, para funcionar como um ambiente escolar seguindo as normas impostas na época. Mesmo muitas pessoas morando distante da escola impossibilitando os alunos de manter a frequência escolar correta, todos se esforçaram para estar presente. O Grupo escolar João Barbalho quando foi criado ficava situado um pouco distante sendo instalado no antigo ginásio na parte posterior. Esse grupo situava-se um pouco distante do centro, o grupo escolar “João Barbalho”, que foi criado pelo Senhor Dr. Severino Pinheiro, com o acto N.324 de 3 de junho de 1922. (Relatório do Grupo escolar João Barbalho, 1924, p.177).

Com o grande sucesso que esse grupo vinha tendo no ano seguinte, em 16 de outubro de 1923, o João Barbalho teve a fortuna de estabelecer-se no importante prédio onde durante anos foi o departamento de saúde e higiene, e que passando por algumas reformas comandadas pelo Sr. Governador, e se tornou o instituto de instrução primária.

2. MÉDICOS HIGIENISTAS E A IMPLANTAÇÃO DE MUDANÇAS PARA COMBATER AS DOENÇAS INFECCIOSAS

A higiene deveria ser mantida em todo o ambiente tanto em casa quanto nas escolas como algo obrigatório e isso podia ser visto nos jornais, a fim de que evitasse o aparecimento

e a contaminação de doenças infecciosas, as palestras que eram ofertadas nas escolas pelos médicos higienistas os mesmos informavam que um dos principais fatores era a alimentação saudável, com a prática de exercícios físicos, pois essas práticas contribuíam para as capacidades do corpo.

Sendo assim, no jornal (A Escola, N 12, p 4) afirmava que as doenças contagiosas ou doenças das mãos sujas que eram a varíola e a febre Tifóide, “A febre tifóide é uma doença bacteriana aguda de distribuição mundial”. Por isso a necessidade de sempre lavar as mãos, muitos jornais traziam questões de que muitas doenças se propagavam muito rápido em menos de um mês podem atingir completamente uma cidade, nesse tempo estava em alta a gripe e a varicela por isso os médicos lançavam estratégias para que diminuíssem as imperfeições na sociedade, uma delas era que houvesse a separação daqueles que estavam doente.

No jornal (A Escola, N 12, p 4) mostra que a inspetora escolar Dra. Débora Feijó do grupo escolar Amaury de Medeiros em diálogo com alunos do 5 ano, mostra o que estava acontecendo na Rússia onde o governo mandou matar 280 crianças consideradas perdidas por terem tuberculose, sífilis e idiotice e que se essas medidas não fossem tomadas poderiam ser passadas para os demais considerados normais.

Daí, pode-se ver no jornal o quanto as pessoas se conscientizavam em relação à saúde, também enfatizavam que o consumo de bebidas alcoólicas pode trazer consequências negativas principalmente para as grávidas onde o filho pode nascer com má formação, tuberculose e muitas vezes com doenças incuráveis. (A Escola, N5, p3).

Sendo isso, as autoras Mai e Angerami (2006) enfatizam o que eram feitos com alguns doentes e alguns casais que possuíam alguma doença genética fazendo com que aumentassem o número de seres não-eugênicos ou disgênicos “pessoas consideradas inúteis na época”, como veremos a seguir.

No início do século XX, em pleno auge do movimento eugenista mundial e brasileiro, uma medida eugenista de caráter negativo era limitar que casais com doenças genéticas procriassem para evitar o nascimento de filhos portadores de tais doenças. Propunha-se, então, a esterilização, a segregação de doentes mentais, ou o aborto, medidas socialmente muito criticadas. (Mai;Angerami, 2006, p.253).

No jornal do Grupo Amaury de Medeiros (A Escola, 1931, N 5, p 3). Mostra que os grupos escolares faziam palestras para os alunos terem mais conhecimentos sobre o caso e para que essa consciência pudesse ser colocada em prática, acreditavam que primeiro tinha que haver uma boa educação, chamavam palestrantes como o professor Dr. José Costa Pinto que rendia palestras para mais de 180 alunos. Tais palestras tinham o intuito de mudar alguns hábitos dos alunos e passar informações necessárias, a fim de atingir toda a família, pois

acreditava-se que com os conhecimentos provindos desde cedo a criança tende a se tornar mais consciente acerca de suas atitudes.

Essas palestras eram muito relevantes, trazendo um progresso maior e um melhoramento da saúde advindo das reformas higiênicas impostas pelos pesquisadores da saúde que atuavam tanto nos locais públicos quanto privados.

Daí pode-se perceber que os grupos escolares favoreceram o desenvolvimento dos alunos em todos os aspectos, formando assim cidadãos capazes de se adequar a novos hábitos e costumes e mais consciente em relação a atitudes do dia-dia em práticas higiênicas.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da nossa pesquisa percebemos que para que houvesse um bom desenvolvimento dos alunos dos grupos escolares fazia-se necessário seguir algumas séries de orientações dos médicos higienistas. Tais orientações iam da limpeza do prédio do grupo escolar até aos cuidados da saúde e do corpo dos alunos aconselhando eles sempre manter a higiene das mãos tanto no ambiente escolar e em casa, prevenindo-se assim de muitas doenças principalmente doenças das mãos sujas, os professores utilizavam vários meios para informar também convidaram higienistas da época para fazer palestras a respeito dos malefícios do álcool e as doenças advindas dele como as crianças que nascem aleijadas, idiotas e tuberculosas ressaltaram também a importância de sempre praticar exercícios físicos para manter-se saudável.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Autor 2. **Educar para regenerar a raça**: processos de racialização dos alunos das escolas primárias de Pernambuco (1911-1945). Recife: EDUPE, 2018.

ANGERAMI, Emília Luigia Saporiti; MAI, Lilian Denise; **Eugenia Negativa E Positiva: Significados E Contradições**. In: Rev. Latino-am Enfermagem, 2006. p. 251-258).

FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VIDAL, Diana Gonçalves, Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. In: **Revista**

Brasileira de Educação, 2020. p. 31).

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. In: **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, SP: Autores Associados/SBHE, no 1, 2001, p. 09 – 43.

MACHADO, Maria Cristina Gomes. O decreto de Leôncio de Carvalho e os Pareceres de Rui Barbosa em debate – A criação da escola para o povo no Brasil do século XIX. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Helena Câmara (org.) **Histórias e memórias da educação no Brasil**, v II: século XIX, Petrópolis, RJ: Vozes, 2005, p.91 – 1031a.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870– 1930)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOUZA, Rosa Fátima de, (1998). **Templos de civilização**. São Paulo: Ed. UNESP.

[1] Mantivemos a grafia das fontes como constava na época para evitar anacronismos na tentativa de atualizá-las.